

of specialization such as High Scholasticism and Medieval Aristotelianism, from both historical and theoretical perspectives, Moral Theology, Ethics, and Philosophical Psychology. Also, considering that Thomism enjoys far more influence today than do other schools that arose within Scholasticism, Thomist scholars may stand to benefit by gaining a broader awareness of the sim-

ilarities and differences between Thomism, Scotism and Ockhamism, so as to appreciate the impact each had in the high and late medieval views on human action, particularly as pertains to morality.

Kyla MacDonald, EP
(Prof. - IFTE)

NOUGUÉ, Carlos. *Suma Gramatical da Língua Portuguesa: gramática geral e avançada*. São Paulo: É-Realizações, 2015, 608p. ISBN: 978-85-8033-203-2.

O professor e escritor Carlos Nougé logrou realizar um grande feito: trazer a lume uma gramática portuguesa involucrada pela teoria e importância da própria Gramática, com nítido viés filosófico. A própria escolha do título faz ressoar um dos estilos literários típicos da Escolástica, isto é, as famosas “sumas” — compêndios sistemáticos sobre uma matéria específica —, cujo ápice é atingido pela monumental *Suma Teológica* de São Tomás de Aquino. É notório que tais características distinguem esta gramática das atualmente disponíveis no mercado.

O currículo do Autor atesta sua capacitação na área: durante nove anos ocupou a cadeira de Língua Portuguesa e a de Tradução Literária numa pós-graduação (UGF), ganhou o Prêmio Jabuti/93 de tradução, tendo sido indicado outras vezes, uma delas pela tradução de D. Quixote. Ademais de experimentado lexicógrafo — participou na elaboração

de três dicionários —, traduziu obras de diversos idiomas como latim, francês, espanhol e inglês, e, como prova de sua competência, ofereceu ao leitor lusófono a tradução de autores renomados, tais como Cícero, Sêneca, Santo Agostinho, São Tomás de Aquino, além de literatos como Cervantes, Quevedo e Chesterton. No tocante à *Suma Gramatical*, o estilo literário de Nougé é elegante, erudito e, ao mesmo tempo, agradável.

À primeira vista, dir-se-ia que um livro de gramática seria dispensável em nossos dias, uma vez que tal termo supostamente traz consigo conceitos como regra, ordem, rigidez e até mesmo lembra opressão, para certas pessoas, segundo as quais a Gramática deveria ser por si mesma descartada. No prólogo, entretanto, o Autor critica os que desejam que a língua seja “deixada à deriva, sem regras que a dirijam”. Explica que “isso, no entanto, é pura negação do óbvio: é *parte intrínseca* de toda e

qualquer língua *ter regras*; é o dique ou comporta sem a qual ela de fato fluiria e fluiria sem nenhuma permanência” (p. 25). Portanto, dada a ordenação lógica inerente à inteligência humana, a transmissão de ideias por intermédio de um determinado idioma exige a existência de certas leis fundamentais que permitam uma adequada comunicação entre os homens.

É muito elucidativo o exemplo usado pelo Autor para explicar por que uma língua possui intrinsecamente regras: “pai algum, mãe alguma, se dotados ao menos do ínfimo senso natural de cuidado e educação da prole, deixarão de corrigir o filho se ele disser algo *errado*. Se o pequeno disser, por exemplo, ‘zinza’ em vez de ‘cinza’, tal pai e tal mãe não haverão de calar-se nem, muito menos, de deleitar-se com mais essa novidade de uma permanente deriva linguística” (p. 25). E essa teoria, é claro, pode ser facilmente transposta para as demais áreas do saber.

Para explicar e evidenciar o sentido profundo da gramática e seus pressupostos teóricos, o Autor expõe sistematicamente no Prólogo alguns aspectos básicos: ao que esta arte se ordena, em que elementos deve ser fundamentada, como deve ser considerada, como deve ser feita (aplicada) e, por fim, como deve ser ensinada (p. 29-30). Finda tal prelúdio realçando os obstáculos que sua obra enfrentará para atingir tais fins. Ora, sobre a finalidade da Gramática encontramos já na contracapa: “ensinar a

escrever, a ler e ainda a falar. Isso porém só se consegue mediante a formulação de regras as mais simples e de abrangência a mais ampla possível — o que implica evitar, ainda quanto possível, as exceções”.

A seguir, o Autor desenvolve a *Suma* com lógica preciosa e atraente em 608 páginas, a partir de uma divisão em dez partes, com uma diagramação bastante compacta.

Na primeira parte do livro, dedica-se aos primórdios do estudo gramatical, ou seja, as diferenças entre fala e linguagem, a diversidade de línguas, suas semelhanças, em que se distinguem, entre outras características. Define Gramática como: “a arte diretiva da escrita segundo regras morfossintáticas cultas, para que o homem possa transmitir suas concepções e argumentações com ordem, com facilidade e sem erro a outros homens distantes no espaço ou no tempo” (p. 47). Tal aceção é certamente inspirada na célebre definição tomista de lógica, encontrada no início de seu comentário aos *Analíticos Segundos*, de Aristóteles. Cumpre notar outro detalhe importante e louvável da obra, isto é, o resgate da tese segundo a qual a Gramática haure seus princípios e luzes da Lógica. Este fundamento supera o fracassado ensino da Gramática baseado numa mera memorização de “regri-nhas”, infelizmente tão comum no Brasil.

Na segunda parte, o Autor desenvolve, seguindo a ordem clássica das gra-

máticas, um breve histórico da língua lusa, desde seu ancestral mais próximo, até o mais remoto, bem como as denominadas “etapas do Português” (p. 72).

Realizada a introdução para o estudo gramatical, a parte seguinte se dedica ao estudo da Fonética, que versa sobre as partes ínfimas da língua: o fonema e a letra. Vale observar que a opinião de Nougé acerca das reformas ortográficas do Português no século passado é bastante acertada, ao alertar para a necessidade de certa *estabilidade* nas regras ortográficas de um determinado idioma, o que pode ser bastante prejudicado por tantas mudanças sucessivas (não raramente efêmeras). Seguindo o novo Acordo, o Autor salienta um pormenor interessante: no que se refere aos nomes próprios bíblicos é facultativo o uso dos dígrafos finais de origem hebraica (ch, ph, th). Por exemplo: Baruc ou Baruch.

As duas partes subsequentes versam sobre a morfologia e as classes de palavras. Na primeira delas o Autor demonstra a sua grande experiência como lexicógrafo através de inúmeros exemplos oferecidos ao leitor. Já na segunda, exprime-se ainda sob inspiração aristotélica: “A linguagem reflete de algum modo em suas construções a própria constituição da realidade. É o que se dá com as diversas classes de palavras, as quais expressam *de alguma maneira* as DEZ CATEGORIAS ou GÊNEROS MÁXIMOS DO ENTE, a saber: a *substância* e seus nove acidentes: *quantidade, qualida-*

de, relação, lugar (ou *onde*), *tempo* (ou *quando*), *situação* (ou *posição*), *hábito* (ou *posse*, etc.), *ação e paixão* (ou *ser paciente de uma ação*)” (p. 126).

A sexta parte, é dedicada ao estudo da sintaxe. Nesta seção, o Autor discorre sobre uma visão mais profunda da gramática, diversificando as orações, quer sejam as substantivas, quer sejam as adverbiais, ou ainda as subordinadas ou coordenadas. Note-se uma ressalva feita pelo Autor: só se pode dizer coordenação no plano da *figura*, pois “há sempre — *segundo a significação* — uma subordinante e outra subordinada” (p. 497).

Após considerar as classes das palavras e sua aplicação à sintaxe, o Autor passa a desenvolver um tema que gera dificuldade para os lusófonos, isto é, a regência verbal. Contudo, pondera que seu estudo versará, por um lado, apenas sobre “os verbos de regência mais duvidosa e, por outro lado, a crase, que é um como subcapítulo da Regência Verbal” (p. 501).

Se a regência verbal pode gerar dificuldades em seu emprego adequado, tal problemática não é única, se nos voltamos para a concordância nominal e verbal, temas desenvolvidos na oitava parte. Frases como “Os entes humanos são racionais” (p. 524) não geram particular dificuldade; contudo, outras mais complexas, como “as tradições e o idioma ingleses” (p. 525), requerem regras que norteiem a maneira mais correta de concordar os substantivos. Tratando-se

da concordância verbal, a dificuldade é ainda maior, conforme um dos exemplos citados por Nougé: “Neste caso TU E MAIS ELES TODOS SEREIS SALVOS (Pe. Antônio Vieira)” (p. 533).

As duas últimas partes do livro são como que complementos das outras partes, tratando da colocação pronominal e de pontuação.

Nesta gramática, que podemos qualificar “de fôlego”, encontramos somente alguns pequenos lapsos: por exemplo, a abreviação para *Vossa Paternidade* deveria, naturalmente, ser *V. P.* (e não *V. M.*, usada para *Vossa Majestade* — p. 242). Já a conjugação do verbo “partir” na primeira pessoa do plural do pretérito perfeito simples deveria estar grafada como “*partimos*” (e não “*partiram*”) (p. 308).

Por fim, esperava-se que o Autor coroasse o mérito do livro com algum epílogo que justificasse o raciocínio proposto nas páginas iniciais, que dão o verdadeiro toque de originalidade à obra. De qualquer forma, Nougé assim se expressa no Prólogo: “seria ocioso dizer, por fim, que nenhuma gramática tem o condão de esgotar

os assuntos relativos à normatização de uma língua. Por isso, nossa *Suma Gramatical da Língua Portuguesa* deverá ter permanente continuidade em outros lugares” (p. 32). Seja como for, sente-se também a falta de uma bibliografia ao final, a qual poderia ser útil justamente para o desdobramento de tais estudos.

Em resumo, a *Suma Gramatical* é muito recomendada para aqueles que desejam se aprofundar no estudo de nossa gramática e no uso da norma culta, de modo particular aos que se dedicam às ciências humanas em geral. Sem dúvida, o estudo da gramática não é exercício trivial, conforme as palavras de Antoine Rivarol, citadas na epígrafe do livro: “A gramática é a arte de levantar as dificuldades de uma língua; mas é preciso que a alavanca não seja mais pesada que o fardo”. Daí que a lógica, aliada ao bom senso, é elemento imprescindível para a formação de um abalizado gramático, qualidade que Nougé procurou aqui ressaltar.

Felipe de Azevedo Ramos, EP

(Professor – IFAT, com a colaboração de Vinícius Niero Lima)

AMENTA, Piero. *Os processos administrativos em matéria de matrimônio canônico: história, legislação e práxis*. Brasília, CNBB, 2014. 240p. ISBN: 978-85-7972-332-2.

“Até mesmo as primeiras legislações, das quais algumas civilizações antigas se dotaram, sentiram a necessidade de proteger o caráter monogâmico do matrimônio e também sua indis-

solubilidade. O Código de Hamurabi, as legislações dos faraós egípcios e outras expressões primitivas de civilização já continham normativas sobre o matrimônio e estabeleciam proibições ao repúdio